

INTEROPERABILIDADE ARGENTINA NA GUERRA DAS MALVINAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA¹

ARGENTINE INTEROPERABILITY IN THE FALKLANDS WAR: A SYSTEMATIC REVIEW

Paulo Ben-hur Ramires Franco²
Paulo José Sanches*

RESUMO

As Malvinas são um arquipélago localizado no Atlântico Sul, a cerca de 500 km da costa argentina. Em 1982, ocorreu a Guerra das Malvinas, um conflito aeronaval entre Argentina e Reino Unido, que durou apenas 76 dias. Esse conflito foi uma disputa pela soberania das ilhas entre dois países aliados dos EUA na época. Vale ressaltar que a Argentina era detentora de forças armadas bem equipadas e estruturadas, considerando o contexto da América do Sul, o que torna esse conflito um tema relevante para estudo. O presente artigo buscou elucidar, através de revisão sistemática, qual o estado da interoperabilidade das forças armadas argentinas no conflito do Atlântico Sul. A revisão utilizou-se de artigos dos seguintes bancos de publicações: DTIC, Rede BIA, Rede BIM, Rede BIE, Cambridge Core, NIDS e CEFA digital. Ao todo, foram utilizados 21 artigos e, ao término da revisão, pôde-se inferir que a interoperabilidade argentina foi de fato deficiente no conflito das Malvinas, prejudicando portanto a capacidade combativa daquele país. Entre os pontos que contribuíram para esse resultado, ressalta-se a falta de coordenação e planejamento, ausência de unidade de comando, disputas políticas internas às forças armadas e deficiência doutrinária.

Palavras-chave: Interoperabilidade; Operações Conjuntas; Guerra das Falkland/Malvinas; Guerra aeronaval.

¹Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023)

*Cel QOInt R/1 Bacharelado em Administração Pública pela Academia da Força Aérea (AFA). Mestre em Gerenciamento de Logística pelo US Air Force Institute of Technology (AFIT). Academia da Força Aérea. E-mail: sanchespjs@fab.mil.br

ABSTRACT

The Falklands are an archipelago located in the South Atlantic, about 500 km off the coast of Argentina. In 1982, the Falklands War took place, an air-naval conflict between Argentina and the United Kingdom, which lasted only 76 days. This conflict was a dispute over the sovereignty of the islands between two US-aligned countries at the time. It is worth noting that Argentina had well-equipped and structured armed forces, considering the context of South America, which makes this conflict a relevant topic for study. This article sought to elucidate, through a systematic review, the state of interoperability of the Argentine armed forces in the South Atlantic conflict. The review used articles from the following publication databases: DTIC, BIA Network, BIM Network, BIE Network, Cambridge Core, NIDS, and CEFA digital. In total, 21 articles were used, and at the end of the review, it could be inferred that Argentine interoperability was indeed deficient in the Falklands conflict, thus impairing the combat capability of that country. Among the factors that contributed to this result, the lack of coordination and planning, absence of unified command, internal political disputes within the armed forces, and doctrinal deficiencies stand out.

Keywords: Interoperability; Joint Operations; Falkland/Malvinas War; Naval air warfare.

INTRODUÇÃO

A Guerra das Malvinas, ocorrida em 1982, foi o maior conflito aeronaval após a Segunda Guerra Mundial, e envolveu a Argentina e o Reino Unido, dois países aliados aos Estados Unidos naquele período. Em disputa, estavam as Ilhas Malvinas, Sandwich do Sul e Geórgia do Sul. As ações argentinas tiveram início em 2 de abril e, em apenas 76 dias, o conflito chegava ao fim.

O referido conflito representa um marco na história militar da América do Sul, devido às suas peculiaridades e proporções tomadas. É um exemplo de guerra militar moderna e fonte de ensinamentos valiosos para a atualidade. O presente trabalho busca contribuir para a historiografia do conflito pela ótica da interoperabilidade argentina. A interoperabilidade, por ser um conceito amplo e com diversos significados, dependendo do meio, ficará restrita neste artigo ao seu uso militar.

A interoperabilidade é um conceito que tem se mostrado cada vez mais necessário nas operações entre forças, países e agências. De acordo com Santos (1989), o emprego integrado das forças armadas é essencial e inadmissível a concepção e a ação individualistas de cada força, com iniciativas próprias. O autor compreende, portanto, as forças armadas como um meio diverso e com

cada força tendo seu papel específico, mas que necessitam de integração nas ações e planejamentos para uma maximização das chances de sucesso e para se atingir os objetivos estabelecidos.

Além disso, justificar a relevância de tal estudo perpassa por justificar a validade do conhecimento de história militar. Assim:

O estudo da matéria, particularmente dos conflitos de uma nação, conduz a conclusões e realça aspectos capazes de influir na expressão militar de seu poder nacional. O estudo das campanhas militares, com seus erros e acertos, o respeito às tradições, o culto aos heróis, traduzem reflexos à formulação da doutrina, à moral e à estrutura militares (CALAZA, 2007, p. 17).

A missão-fim do militar é a guerra; em tempos de paz, para se manter o preparo, podem ser realizados exercícios e manobras, porém elas não retratam a realidade da guerra. A história militar passa então a ocupar um lugar de destaque ao mostrar o que já foi feito em conflitos passados, em quais condições, bem como permitir a análise das decisões tomadas.

Segundo Samuel Huntington, a profissão militar é construída a partir da acumulação de experiências que geram um conjunto de conhecimentos profissionais. Para ele, a história militar é o meio pelo qual essas experiências são adquiridas:

Na visão militar, o homem só aprende pela experiência. Se tem pouca oportunidade de aprender pela própria experiência terá então de aprender pela experiência dos outros. Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Liddell Hart, “a experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, “é o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética militar dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História. Mas a História só tem valor para o militar quando é aproveitada para desenvolver princípios capazes de futura aplicação (HUNTINGTON, 1996, p. 82)

A história militar desempenha um papel fundamental ao proporcionar um entendimento profundo das origens dos conflitos, seus impactos e as lições a serem aprendidas. Ela é uma ferramenta eficaz para o militar compreender o passado e adquirir conhecimento indireto por meio das lições extraídas de confrontos anteriores. Essas lições se tornam indispensáveis na formação do pensamento militar, especialmente quando a experiência direta em combate é limitada.

Nesse contexto, o conflito das Malvinas ganha relevância para a profissão militar, pois é fonte de ensinamentos de uma guerra moderna, que envolve um cenário aeronaval. Essa experiência excepcional proporciona *insights* valiosos sobre estratégias, táticas, logística e o comportamento das forças envolvidas. A análise detalhada do conflito das Malvinas contribui para ampliar o

entendimento e aprimorar as habilidades militares, permitindo que outras forças possam se preparar para conflitos similares.

Portanto, ao estudar a história militar e analisar conflitos como o das Malvinas, os profissionais militares podem adquirir conhecimentos valiosos, compreender as complexidades dos confrontos e aplicar as lições aprendidas em suas estratégias e tomadas de decisão. Isso ajuda a complementar a falta de experiência direta em combate e fortalece a preparação das forças armadas para enfrentar as adversidades do presente e do futuro.

Assim, o estudo da Guerra das Malvinas continua sendo uma fonte de conhecimento valiosa sobre o passado da Argentina, suas relações com as ilhas e as motivações por trás do conflito, especialmente por ser um país vizinho ao Brasil. Além disso, o equilíbrio de poder na região sempre foi influenciado pelo relacionamento entre essas duas nações, dada a disparidade estrutural em relação aos demais países sul-americanos. Ao longo do século XX, as economias do Brasil e da Argentina tendiam a se complementar: o Brasil se destacava pela industrialização focada em indústrias pesadas e exportação de produtos primários de clima tropical, enquanto a Argentina concentrava-se na indústria leve e na exportação de alimentos de clima temperado (CAVLAK, 2012). Analisar a interoperabilidade durante aquele conflito é relevante nos dias atuais, considerando a necessidade que os exércitos têm de operar em conjunto diante de novas ameaças.

A interoperabilidade entre as forças armadas argentinas está diretamente ligada à forma que este país atuou naquele curto conflito. Sendo assim, a presente pesquisa concentra-se na análise das forças armadas argentinas e a interoperabilidade entre elas durante a Guerra das Malvinas. O objetivo principal desta pesquisa consiste em identificar o estado da interoperabilidade das forças argentinas, a fim de compreender como a falta ou presença dessa interoperabilidade influenciou o desempenho das operações militares. Além disso, três objetivos secundários foram estabelecidos: analisar os estudos e artigos científicos relevantes que abordam a interoperabilidade das forças armadas argentinas na Guerra das Malvinas, discutir como a interoperabilidade é importante para operações militares bem-sucedidas e ressaltar os pontos que tenham contribuído para o estado da interoperabilidade argentina naquele conflito. Esses objetivos podem fornecer uma visão abrangente sobre a eficácia da interoperabilidade das forças argentinas e sua relevância no contexto da Guerra das Malvinas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A interoperabilidade tem recebido maior atenção na história militar recente, devido às percepções dos países em reconhecê-la como uma necessidade de suas forças com a finalidade de economizar recursos e efetivar esforços. Todavia, há indícios de seu uso há mais tempo. Na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, pode-se observar a interoperabilidade entre forças. Um dos primeiros relatos das operações conjuntas remonta às Guerras Médicas (500-448 a.c.). As cidades-Estado gregas, que por vezes lutavam entre si por razões territoriais, uniram-se para combater um inimigo em comum: o Império Pérsia. Foi estabelecida a Liga de Delos, uma união militar encabeçada por Atenas, na qual houve compartilhamento de recursos militares, como tropas, navios e suprimentos. Os líderes das cidades-Estado também se reuniam com frequência para realizar planos de ação, compartilhar informações e tomar decisões conjuntas (SILLONE, 2010).

As Forças Armadas Brasileiras definem interoperabilidade através do glossário das FA (MD35-G-01) da seguinte maneira: “Capacidade de forças militares nacionais ou aliadas operarem, efetivamente, de acordo com a estrutura de comando estabelecida, na execução de uma missão de natureza estratégica ou tática, de combate ou logística, em adestramento ou instrução.”(BRASIL, 2015, p. 153)

O desenvolvimento da interoperabilidade busca otimizar o emprego dos recursos humanos e materiais, assim como aprimorar a doutrina de emprego das Forças Armadas. A consecução de um alto grau de interoperabilidade está ligada diretamente ao maior ou menor nível de padronização de doutrina, procedimentos, documentação e de material das Forças Armadas (BRASIL, 2015, p. 153).

A interoperabilidade apresenta ainda barreiras em sua aplicação, por haver uma lacuna de como esta é apresentada em documentos e livros e a forma como é aplicada nas situações práticas; tal problema associa-se a um baixo número de instituições de formação militar que reforçam tal conceito durante a formação do futuro oficial (PESSOA; FREITAS, 2015)

Segundo Hura et al. (2000), a interoperabilidade é a medida da capacidade que várias organizações ou indivíduos têm de operar conjuntamente visando um objetivo comum, possuindo sentidos de padronização, integração, cooperação e até mesmo sinergia. Todavia, trata-se de um conceito bastante amplo pois abarca níveis estratégicos, táticos, operacionais e também tecnológicos.

O conceito pode ainda ser abordado através de uma definição de interoperabilidade mais abrangente: a habilidade de sistemas, unidades ou forças para prover serviços e aceitar serviços de outros sistemas, unidades, ou forças, e usar os serviços assim trocados para permitir que eles operem efetivamente juntos (HURA et. al. 2000, p. 41), pois ela engloba 4 níveis: estratégico, operacional, tático e tecnológico.

Para a Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN, a interoperabilidade refere-se à capacidade de diferentes organizações militares de conduzir operações conjuntas. Essas organizações podem ser de diferentes nacionalidades ou diferentes forças armadas (forças terrestres, navais e aéreas), permitindo que forças, unidades ou sistemas operem juntos. Para que isso aconteça, a aliança entende que não há uma obrigatoriedade de utilizar-se dos mesmos equipamentos, mas que estes sejam capazes de compartilhar facilidades e se comunicar com os demais. Assim, a OTAN estabelece acordos de padronização para que isso se torne possível. (NATO,2006, p.1)

Por fim, a OTAN ressalta ainda a importância e a necessidade da interoperabilidade desde a sua fundação, em 1949, por ser uma aliança militar com diversos países, a qual atualmente compreende mais de 30 nações. (NATO,2006, p.3)

No Brasil, a Política Nacional de Defesa (PND) enfatiza por diversas vezes a importância de se atingir uma plena interoperabilidade entre as forças de defesa, reconhecendo assim a importância desta. Segundo o Ministério da Defesa, interoperabilidade seria a união de esforços de modo a maximizar a eficiência e redução de custos:

INTEROPERABILIDADE – 1. Capacidade de forças militares nacionais ou aliadas operarem, efetivamente, de acordo com a estrutura de comando estabelecida, na execução de uma missão de natureza estratégica ou tática, de combate ou logística, em adestramento ou instrução. O desenvolvimento da interoperabilidade busca otimizar o emprego dos recursos humanos e materiais, assim como aprimorar a doutrina de emprego das Forças Armadas. A consecução de um alto grau de interoperabilidade está ligada diretamente ao maior ou menor nível de padronização de doutrinas, procedimentos, documentação e de material das Forças Armadas (...). 2. Capacidade dos sistemas, unidades ou forças de intercambiar serviços ou informações ou aceitá-los de outros sistemas, unidades ou forças e, também, de empregar esses serviços ou informações, sem o comprometimento de suas funcionalidades. (BRASIL, 2015, p. 151).

Em resumo, a interoperabilidade mostra-se essencial para que diferentes organizações militares possam operar conjuntamente, maximizando a eficiência e reduzindo os custos. Por mais

que haja desafios ocasionados pela sua implantação em situações práticas, a sua importância é reconhecida ao redor do mundo.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi elaborado através da metodologia de revisão sistemática, a fim de evitar vieses e dar mais objetividade à análise dos resultados, visando maior transparência e garantindo a replicabilidade do processo, bem como a busca de uma síntese conclusiva para a pesquisa.

A revisão sistemática é uma forma de pesquisa que utiliza a literatura existente sobre um tema específico como fonte de dados, seguindo um protocolo pré-definido e rigoroso. Assim como outros tipos de estudos de revisão, seu objetivo é sintetizar e analisar as informações disponíveis para obter uma compreensão abrangente e atualizada do assunto em questão (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

A revisão sistemática tem vantagens sobre a revisão narrativa tradicional. A revisão narrativa, não sistemática, é mais rápida e fácil de realizar, mas é subjetiva e propensa a vieses e erros. Geralmente, não descreve o processo de pesquisa, seleção de artigos ou avaliação da qualidade dos estudos, sendo parcial em relação à visão dos autores sobre o tema. Por outro lado, a revisão sistemática é reprodutível e imparcial, buscando reduzir o viés através de métodos explícitos. Ela realiza uma pesquisa bibliográfica abrangente e avalia criticamente os estudos individuais. Diferentemente da revisão tradicional, a revisão sistemática responde a uma questão de investigação bem definida e é caracterizada por sua abrangência metodológica, transparência e possibilidade de replicação. É uma investigação científica menos dispendiosa, utilizando métodos sistemáticos pré-definidos para identificar todos os documentos relevantes publicados e não publicados, avaliando sua qualidade, extraindo dados e sintetizando resultados (DONATO; DONATO, 2019).

Como questão-problema, foi proposta a seguinte: qual foi o estado da interoperabilidade argentina na Guerra das Malvinas, com base na revisão sistemática da literatura selecionada? Assim, o objetivo é avaliar o nível de interoperabilidade das forças armadas argentinas naquele conflito.

O artigo foi produzido utilizando-se de fontes secundárias, retiradas de repositórios em sua grande maioria, de órgãos militares. Para a seleção dos artigos, foi utilizado a busca pelas

expressões “Operações conjuntas Malvinas”, “Malvinas Interoperabilidade”, “Malvinas interoperabilidad”, “Operaciones conjuntas Malvinas ”, “Falklands interoperability” e “Joint operations Falklands”. Optou-se pela troca de nome para as ilhas devido aos autores de língua inglesa, em sua imensa maioria, referirem-se a elas como Falklands. Apenas artigos gratuitos e de livre acesso foram utilizados para a pesquisa. A faixa de anos das publicações estendeu-se de 1982 a 2022. Inicialmente, foram selecionados 24 artigos, sendo que 3 foram excluídos segundo os critérios definidos pela pesquisa. Como critério de exclusão, utilizou-se a integralidade do artigo, a condição de estarem escritos em língua portuguesa, espanhola ou inglesa e a presença de bibliografia. Os bancos de dados utilizados foram a Rede BIA (Bibliotecas integradas da Aeronáutica: <https://catalogo.redebia.fab.mil.br/>), Rede BIE (Bibliotecas integradas do Exército: <http://www.redebie.decex.eb.mil.br/>), Rede BIM (Bibliotecas integradas da Marinha: <https://www.marinha.mil.br/bibliotecadamarinha/rede>), CEFA digital (Centro Educativo de Las Fuerzas Armadas: <http://cefadigital.edu.ar/>), Cambridge Core (Repositório da Universidade de Cambridge: <https://www.cambridge.org/core/>), NIDS (National Institute of Defense Studies: <http://www.nids.mod.go.jp/english/>) e DTIC (Defense Technical Information Center: <https://dtic.tjpr.jus.br/>).

Após a seleção do material, foi elaborado um quadro relacionando os autores, ano da publicação, banco de dados a que o artigo pertence, nacionalidade do autor, instituição, bem como uma pequena síntese de cada artigo a respeito da interoperabilidade das forças armadas argentinas. Por fim, este quadro serviu de base para a realização da síntese qualitativa, buscando uma compreensão geral e integrada das informações apresentadas. O fichamento do material selecionado encontra-se no quadro a seguir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme a metodologia, ao realizar o fichamento dos artigos selecionados, foi elaborado o quadro a seguir relacionando o autor, título do artigo, ano da publicação, repositório de origem, a nacionalidade do autor, instituição pela qual o artigo foi publicado e um pequeno trecho do autor a respeito da interoperabilidade argentina na Guerra das Malvinas.

Quadro 1: Dados coletados dos artigos selecionados

Autor	Título	Ano	Banco de dados	Origem	Instituição	Sobre a interoperabilidade entre as forças argentinas
BASTOS	Informações militares na Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)	1992	Rede BIE	Brasil	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	Afirma a necessidade de integração da capacidade operacional de todos os meios para operar como um único sistema interforças, a fim de se atingir um objetivo em comum. Por não contar com a ofensiva britânica, foi necessário a elaboração de planos incompletos, fazendo com que os argentinos atuassem com as forças armadas de forma independente e quase sem coordenação, levando-os à derrota. (p. 57)
CERQUEIRA	A guerra no Atlântico Sul (Falklands/Malvinas) erros observados e ensinamentos decorrentes, em particular para o emprego da força terrestre	1985	Rede BIE	Brasil	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	As ações das forças armadas não foram unificadas, mas tiveram condução setorial, devido às divisões que as forças armadas tinham, pois havia interferências políticas nas decisões estratégicas (p. 59)

CORUM	<i>Argentine air power in the Falklands War</i>	2002	DTIC	EUA	Maxwell AFB	A Força Aérea estava subordinada ao Comando do Teatro de Operações baseado nas ilhas, mas respondia diretamente à junta militar. Desse modo a cadeia de comando estabelecida dificultava a realização de operações conjuntas com as demais forças. (p. 2, tradução nossa)
EIKMEIER	<i>Guerra conjunta: lecciones del conflicto del Atlántico Sur</i>	2018	CEFA digital	EUA	Escuela Superior de Guerra Conjunta de las Fuerzas Armadas	A ausência de doutrina e filosofia de operações conjuntas nas FA argentinas foi visível durante o conflito, bem como a cadeia de comando estabelecida no início da Guerra.(p. 4-5, tradução nossa)
GYENGE	<i>La Guerra de las Malvinas de 1982, una experiencia para desarrollar doctrina y logística en el nivel operacional</i>	2016	CEFA Digital	Argentina	Escuela Superior de Guerra Conjunta de las Fuerzas Armadas	A falta de uma centralização da estrutura de comando das FA argentinas subjugou sua capacidade combativa. As FA argentinas não conseguiram centralizar sua estrutura de comando. A falta de coordenação com a Marinha e o Exército resultou em uma atuação relativamente isolada da poderosa capacidade aérea argentina.(p. 23-24, tradução nossa)
HESZELY	<i>Argentine air power in the Falklands War</i>	1988	DTIC	Canadá	Air War College	Atribui a ineficácia das forças armadas argentinas devido à falta de planejamento para a invasão, partindo do princípio que a Grã Bretanha não revidaria militarmente (p. 24, tradução nossa)

HUBER	<i>The Falklands air war: lessons revisited</i>	1995	DTIC	EUA	Naval War College	A ausência de uma unidade de comando e estratégia clara afetou negativamente o planejamento e a tomada de decisões. Além disso, a falta de uma equipe de planejamento conjunto competente e de objetivos claros e realistas contribuiu para uma estratégia inadequada por parte da Argentina.(p. 20, tradução nossa)
MARCHESE	A Guerra das Malvinas: o planejamento Argentino e o emprego da frota do mar sob o ponto de vista da estratégia operacional	2010	Rede BIM	Argentina	Escola de Guerra Naval	A inexperiência em doutrina e práticas conjuntas durante o período da guerra impediu a efetiva utilização das Forças Armadas Argentinas, afetando negativamente sua condução estratégica, tática e operacional, bem como resultou em um elevado número de Comandos Estratégicos, dificultando as operações e disponibilidades de meios.(p. 26-27)
MUSA	O Planejamento argentino na recuperação das Malvinas em 1982: um caso do planejamento e desenho operacional	2015	Rede BIM	Argentina	Escola de Guerra Naval	O planejamento da operação Rosário, (retomada das ilhas), foi realizado previamente e decorreu em conjunto e foi uma operação efetiva, por garantir rapidez, flexibilidade, bem como o alcance dos objetivos argentinos(p. 35)

PIRES	Aspectos políticos da Guerra das Malvinas à luz dos ensinamentos de Clausewitz	2009	Rede BIM	Brasil	Escola de Guerra Naval	Ressalta a duplicidade de atribuições da Junta Militar, que respondia tanto pelo nível político quanto pelo nível estratégico de decisão, e destaca a falta de mentalidade de operações combinadas. A inexistência de um comando único para toda a operação é considerado um fator decisivo para o fracasso das iniciativas argentinas (p. 21).
PUCHE	<i>The Malvinas War from the argentinian viewpoint</i>	1988	DTIC	Argentina	Air War College	As ações das forças armadas argentinas foram seriamente afetadas por sua cadeia de comando mal definida e a dificuldade de troca de informações advinda desta. (p. 26, tradução nossa)
REUMKENS	<i>Aerial Warfare and Maritime Expeditionary Operations: Naval Aviation Versus Land-Based Air Power in the 1982 Falklands War</i>	2013	DTIC	EUA	Centre for Military, Security and Strategic Studies	As diferenças de doutrina entre as forças foi um fator que dificultou enormemente as operações conjuntas eficazes, especialmente devido aos poucos exercícios de adestramento feito pelas forças armadas (p. 5, tradução nossa)
SCHEINA	<i>Argentine jointness and the Malvinas</i>	1994	DTIC	EUA	Center of counterproliferation Research National Defense	A Argentina teve algumas poucas ações em que conseguiu aplicar conjuntamente suas forças no conflito, porém, no geral, as operações conjuntas sofriam de um vazio de planejamento e treinamento, e o que havia de doutrina à época era puramente teórico e incapaz de traduzir-se em ações. (p. 4, tradução nossa)

SCHEPEL	<i>The Falklands/Malvinas War: why didn't Argentina win the war?</i>	2009	DTIC	Holanda	Marine Corps Command and Staff College	A invasão argentina foi realizada sem planejamento prévio. O insucesso das ações ofensivas deu-se devido a uma liderança fraca, mal coordenada e seus erros no processo decisório (p. 27 , tradução nossa)
RICCIARI	A Validade dos conceitos de estratégia/arte operacional na realização de operações militares no século XXI	2012	Rede BIM	Brasil	Escola de Guerra Naval	Considera a inexistência de um comando único para toda a operação como um fator decisivo para o malogro das iniciativas da Argentina. Tal realidade realçou a profunda segmentação das Forças Armadas Argentinas na ocasião, traduzida em deficiências de treinamento e ausência de planejamento de operações conjuntas(p. 38).
SILVA	Guerra do Atlântico Sul(Falklands /Malvinas): aplicações dos princípios da guerra	1989	Rede BIE	Brasil	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	As ações conjuntas foram prejudicadas devido às discordâncias a respeito de qual força deveria estar à frente do comando do teatro de operações. A ausência de um comando unitário dificultou o emprego das forças armadas (p. 22)
SMITH	<i>The Falklands Conflict: Blueprint for Limited, High-Tech War</i>	1987	DTIC	EUA	Air University United States Air Force	Reforça a importância de linhas claras de ação para uma bem definida cadeia de comando, sendo essencial para uma interoperabilidade efetiva(p. 22, tradução nossa)

SULLIVAN	<i>Commanders Guidance and Campaign Planning - The Falkland Islands War 1982</i>	2017	DTIC	EUA	School of Advanced Military Studies	As operações militares falharam devido a várias suposições estratégicas equivocadas e a esforços de planejamento deficientes antes da invasão. A falta de planejamento de alternativas e possíveis desdobramentos significou que as forças argentinas enfrentaram uma situação impossível, à medida que as suposições estratégicas se mostraram falsas(p. 59, tradução nossa)
----------	--	------	------	-----	-------------------------------------	---

TULCHIN	<i>The Malvinas war of 1982: an inevitable conflict that never should have occurred</i>	1987	Cambridge Core	Reino Unido	University of North Carolina	A Argentina teve diversos erros como a falta de liderança, deficiência logística, mas o maior de todos foi a falta de coordenação entre as forças armadas, principalmente da Força Aérea com as demais, subjugando o poderio desta. (p. 11, tradução nossa)
---------	---	------	----------------	-------------	------------------------------	---

YANAGISAWA	<i>Military implications of the Falklands War: from Japan's point of view</i>	2018	NIDS	Japão	Center for Military History	Os Comandantes-Chefes da Marinha, Exército e Força Aérea estavam cada um focado apenas no seu ramo de serviço. Como resultado, a Argentina tinha um plano raso de operações conjuntas, como o transporte de suprimentos realizado pela Marinha para o Exército, mas não em nível de operarem conjuntamente para alcançar os objetivos do país no conflito. (p. 16, tradução nossa)
------------	---	------	------	-------	-----------------------------	--

ZAN	Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas): aplicações dos princípios de guerra	1991	Rede BIE	Brasil	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	A inexistência de um planejamento detalhado acarretou em sucessivas mudanças na cadeia de comando, fazendo com que os argentinos não fossem capazes de estabelecer uma estrutura de comando integrada para conduzir as operações (p. 43).
-----	---	------	----------	--------	--	---

Fonte: elaboração própria com base nos dados de obras e artigos consultados pelo autor.

Todos os artigos selecionados, excetuando-se MUSA (2010), convergiram para a conclusão de que a interoperabilidade argentina foi deficiente durante o conflito e percebe-se que não houve tendência em relação à nacionalidade dos autores. A análise dos artigos indica uma série de fatores que contribuíram para a deficiência na interoperabilidade argentina. Dentre esses fatores, destacam-se:

- a) Falta de coordenação estratégica: com exceção de MUSA (2010), os demais estudos apontaram a falta de uma coordenação efetiva entre as diferentes forças armadas argentinas durante a Guerra das Malvinas. Tal diferença pode ser explicada pela pesquisa de MUSA se dar apenas em cima da primeira ação ofensiva argentina, a de tomada das ilhas, enquanto que os demais analisaram o conflito como um todo. A falta de coordenação, portanto, resultou em dificuldades para a realização de operações conjuntas e para o compartilhamento de informações e recursos.
- b) Deficiência doutrinária: Os artigos analisados ressaltaram as diferenças nas doutrinas de emprego das diferentes forças armadas argentinas como um obstáculo para a interoperabilidade. As diferenças nas táticas, técnicas e procedimentos dificultaram a cooperação efetiva entre os diferentes ramos militares. EIKMEIER(2018), MARCHESE (2010), REUMKENS (2013) SCHEINA (1994) ressaltam ainda a inexistência de uma doutrina ou filosofia de operações conjuntas, sendo que mesmo a Argentina tendo um Estado-Maior, não havia a consciência da necessidade do planejamento de operações unificadas entre os comandantes que o compunham.
- c) Falta de planejamento consistente: ZAN (1991), HUBER (1995), BASTOS (1992), HESZELY (1988), SCHEINA (1994), SMITH (1987) e SULLIVAN (2017) apontaram deficiências no planejamento e na preparação das forças armadas argentinas antes do

conflito. A falta de objetivos claros e coerentes resultou em um planejamento limitado e inadequado.

- d) Disputas políticas entre os militares: A busca por interesse próprio contribuiu para uma aplicação de forças conjuntas ineficazes. SILVA (1989) e CERQUEIRA (1985) ressaltam um estado maior ineficaz, pois o mesmo era organizacionalmente visto como um lugar onde oficiais superiores iam quando não tinham mais perspectivas de carreira, mas ainda não podiam ir para a reserva.
- e) Ausência de unidade de comando: O fator mais recorrente, aparecendo em metade dos materiais analisados. CORUM (2002), GYENGE (2016), HUBER (1995), MARCHESE (2010), PIRES (2009), RICCIARI (2012), EIKMEIER (2018), PUCHE (1988), SCHEPEL (2009), YANAGISAWA (2018) e SMITH (1987) ressaltam a falta de um comando único e integrado como fator contributivo do subjugamento da eficiência e capacidade de resposta argentina.

Os resultados obtidos nesta revisão sistemática apontam que a interoperabilidade argentina foi deficiente durante a Guerra das Malvinas. A análise dos 21 artigos selecionados, provenientes de diferentes nacionalidades, revelou a convergência das conclusões no sentido de que as forças armadas argentinas enfrentaram desafios significativos na coordenação de suas ações e no compartilhamento efetivo de recursos e informações. Tal convergência de conclusões revelou ainda uma coerência entre autores argentinos e não argentinos, indicando que a interoperabilidade Argentina foi de fato deficiente no conflito. Essa deficiência na interoperabilidade foi atribuída a uma série de fatores, incluindo a falta de coordenação estratégica, diferenças nas doutrinas e treinamentos, ausência de uma unidade de comando, disputas políticas entre as forças armadas, além da falta de preparação e planejamento adequados.

Os resultados evidenciam a necessidade de abordar as questões de interoperabilidade de forma abrangente e integrada, buscando soluções que envolvam não só questões organizacionais e de treinamento, mas também doutrinárias. A identificação desses desafios auxiliam na implementação de medidas e políticas que busquem elevar cada vez mais a interoperabilidade das forças armadas brasileiras tanto na atual conjuntura quanto para ocasiões futuras. Além disso, é essencial que os pontos ressaltados pela deficiência da interoperabilidade argentina durante a Guerra das Malvinas sejam consideradas para evitar repetições de erros no futuro e promover uma maior efetividade nas operações conjuntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a interoperabilidade das forças armadas argentinas durante a Guerra das Malvinas, utilizando a abordagem de revisão sistemática. O objetivo principal consistiu em esclarecer qual o estado da interoperabilidade argentina naquele conflito, de acordo com os métodos empregados.

No referencial teórico, foi tratada a importância da interoperabilidade para as forças armadas, bem como o fato desta ser um desafio permanente, que deve sempre ser aprimorada. Conforme a metodologia empregada, pôde-se analisar uma amostra de estudos e artigos científicos relevantes que abordam a interoperabilidade das forças armadas argentinas na Guerra das Malvinas, ressaltar a importância da interoperabilidade para as operações militares bem-sucedidas, bem como identificar os pontos que tenham contribuído para a interoperabilidade argentina deficiente, a saber: ausência de unidade de comando, falta de planejamento consistente, deficiência doutrinária, disputas políticas entre os militares e falta de coordenação estratégica.

Os resultados obtidos indicam que a interoperabilidade argentina durante o conflito foi deficiente. A falta desta teve impacto significativo nas operações militares argentinas, por estar diretamente associada à forma como as forças desempenharam seus papéis. A ineficiência em realizar um planejamento estratégico adequado, estabelecer uma cadeia de comando bem definida, a falta de doutrina para operações conjuntas, bem como disputas políticas dentro das Forças Armadas resultaram em incapacidade de integrar efetivamente os diferentes componentes das forças armadas e isso comprometeu a coordenação estratégica e tática, resultando em desafios operacionais e na perda da capacidade de infligir maiores danos às tropas inglesas.

No contexto acadêmico, este estudo contribui para a construção do conhecimento sobre a importância da interoperabilidade nas operações militares e suas implicações para o resultado dos conflitos. A análise sistemática apresentada agrega uma perspectiva abrangente e embasada em autores de diversas origens, fornecendo subsídios para futuras pesquisas e discussões sobre o tema.

Em suma, a revisão sistemática realizada neste estudo sugere fortemente que a interoperabilidade deficiente foi um fator de grande relevância para a derrota argentina na Guerra das Malvinas. A falta de coordenação e integração entre as diferentes forças armadas comprometeu a eficácia das operações, resultando em consequências desfavoráveis para a Argentina.

Diante disso, é fundamental que as forças armadas em geral, reconheçam a importância da interoperabilidade como um fator essencial para o sucesso em conflitos militares. A busca constante

por estratégias e práticas que promovam a cooperação e a integração entre as diferentes unidades e ramos das forças militares é essencial para garantir a eficiência e a eficácia operacional.

Por fim, este estudo visou contribuir para a compreensão e aprimoramento da interoperabilidade militar, destacando sua relevância estratégica e operacional. Espera-se que a coletânea de apontamentos aqui apresentados estimulem o desenvolvimento de políticas e estratégias que promovam uma interoperabilidade efetiva nas forças armadas que não tenham ainda desenvolvido tal capacidade, visando um desempenho operacional cada vez mais efetivo e um resultado favorável em futuros conflitos.

Ressalta-se ainda que o trabalho não visou responder se a interoperabilidade ou a falta desta foi fator decisivo nas operações argentinas naquele conflito, deixando tais perguntas para possíveis futuras pesquisas, mas sim identificar em que estado se encontrava a interoperabilidade entre as forças armadas argentinas, bem como fatores contribuintes para esta.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Cezar Luiz Brochado. **Informações militares na Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1992. 56 f. Disponível em: <https://redebi.e.decex.eb.mil.br/pergamumweb/vinculos//000055/000055be.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2023.
- BRASIL. **MD-35-G-01 Glossário das Forças Armadas**. Ministério da Defesa - 5ª edição. Brasília, 2015.
- CALAZA, Claudio Passos. **Aviação no contestado**: Investigação e Análise de um Emprego Militar Inédito. Claudio Passos Calaza. Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea/UNIFA, Mestrado em ciências aeroespaciais, novembro de 2007. 187 f.
- CAVLAK, Iuri. **Integração e Desenvolvimento**. As relações entre Brasil e Argentina (1822-2012). *Temporalidades*, v. 4, n. 1, p. 189-211, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5494/3424>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- CERQUEIRA, José Carlos Santos. **A guerra no Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**: erros observados e ensinamentos decorrentes, em particular para o emprego na força terrestre. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1985. 74 f. Disponível em: <https://redebie.decex.eb.mil.br/pergamumweb/vinculos//000055/0000557d.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.
- CORUM, James S. **Argentine airpower in the Falklands War**: An operational view. *Air & Space Power Journal*, v. 16, n. 3, p. 59, 2002.
- DONATO, Helena; DONATO, Mariana. **Etapas na condução de uma revisão sistemática**. *Acta Médica Portuguesa*, v. 32, n. 3, p. 227-235, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20344/amp.11923>. Acesso em: 23 jun. 2023.

EIKMEIER, Dale. **Guerra conjunta: lições do conflito do Atlântico Sul**. 2018. Disponível em: <http://cefadigital.edu.ar/handle/1847939/1149>. Acesso em: 15 Maio 2023.

GYENGE, Mariano Germán. **La Guerra de las Malvinas de 1982, una experiencia para desarrollar doctrina y logística en el nivel operacional**. 2016. Disponível em: <http://cefadigital.edu.ar/handle/1847939/880>. Acesso em: 10 maio 2023.

HESZELY, Csaba B. **Argentine Air Power in the Falklands War**. AIR WAR COLLEGE MAXWELL AFB AL, 1988. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA202551>. Acesso em: 02 jun. 2023.

HUBER, Jeffrey L. **The Falklands Air War**. Lessons Revisited. NAVAL WAR COLLEGE NEWPORT RI DEPT OF OPERATIONS, 1995. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA293335>. Acesso em: 02 jun. 2023.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado**: teoria e política das relações entre civis e militares. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: 1996.

HURA, Myron et al. **Interoperability: A continuing challenge in coalition air operations**. Rand Corp Santa Monica Ca, 2000. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA385788>. Acesso em: 09 out. 2022.

MARCHESE, Miguel Angel. **A guerra das Malvinas**: o planejamento argentino e o emprego da frota do mar sob o ponto de vista da estratégia operacional. Revista da Escola de Guerra Naval, v. 18, n. 1, p. 79-112, 2012. Disponível em: <https://www.revistadaegn.com.br/index.php/revistadaegn/article/view/241>. Acesso em: 02 maio 2023.

MUSA, Sebastian Alejandro. **O planejamento argentino na recuperação das Malvinas em 1982**: um caso do planejamento e desenho operacional. Rio de Janeiro, 2013 39 f. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000010/00001047.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

North Atlantic Treaty Organization (NATO). **Interoperability for joint operations**. Background. July, 2006.

PESSOA, Tamiris Santos; FREITAS, Marco Tulio Delgobbo. **A adoção do modelo joint**: reflexões sobre implicações no modelo brasileiro. Revista da Escola de Guerra Naval, v. 21, n. 2, p. 203, 2015. Disponível em: <https://revistadaegn.com.br/index.php/revistadaegn/article/view/172>. Acesso em: 11 set. 2022.

PIRES, Gustavo Calero Garriga. **Aspectos políticos da Guerra das Malvinas à luz dos ensinamentos de Clausewitz**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2009. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/00000d/00000d81.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

PUCHE, Ricardo Albert. **The Malvinas War from the Argentinian Viewpoint**. Pickle Partners Publishing, 2014. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA216592>. Acesso em: 29 maio 2023.

REUMKENS, Brock. **Aerial Warfare and Maritime Expeditionary Operations**: Naval Aviation Versus Land-Based Air Power in the 1982 Falklands War. *Journal of Military and Strategic Studies*, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <https://jmss.org/article/view/58075>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RICCIARI, Alexandre dos Reis. **A validade dos conceitos de estratégia/artes operacionais na realização de operações militares conjuntas pelas Forças Armadas Brasileiras**. Lições aprendidas com a Guerra das Malvinas. Rio de Janeiro, 2012. 61 p.

SANTOS, Murillo. **Evolução do poder aéreo**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Rio de Janeiro: INCAER, 1989.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática**: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian journal of physical therapy*, v. 11, n. 1, p. 83–89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfts/a/79nG9Vvk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 05 maio 2023.

SCHEPEL, Ronald. **The Falklands/Malvinas 1982**: Why Didn't Argentina Win the War?. Marine Corps Command and Staff College. Quantico, VA, 2009. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA519343>. Acesso em: 28 maio 2023.

SILLONE, Jorge Osvaldo. **Bases conceptuales para las Operaciones Conjuntas en la Historia Antigua**. El enfrentamiento entre Grecia y el Imperio Persa. 2010. Disponível em: <http://cefadigital.edu.ar/handle/1847939/95>. Acesso em: 10 maio 2023.

SILVA, Ailton Antonio. **Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**: Aplicação dos princípios de guerra. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1989. 51f.

SMITH, Steve R. **The Falklands Conflict**: Blueprint for Limited, High-tech War. Air War College, Maxwell AFB AL, 1986. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA178024>. Acesso em: 19 maio 2023.

SULLIVAN, Lynn W. **Commanders Guidance and Campaign Planning-The Falkland Islands War 1982**. US Army School for Advanced Military Studies Fort Leavenworth United States, 2017. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/AD1039943>. Acesso em: 19 maio 2023

TOVAR, Álvaro Valencia. **Origen y evolución de las operaciones conjuntas**. *Revista de las Fuerzas Armadas*, n. 187, p. 12-17, 2003. Disponível em: <https://esdegrevistas.edu.co/index.php/refa/article/download/1417/1765>. Acesso em: 02 maio 2023.

TULCHIN, Joseph S. **The Malvinas War of 1982**: An inevitable conflict that never should have occurred. *Latin American Research Review*, v. 22, n. 3, p. 123-141, 1987. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/malvinas-war-of-1982-an-inevitable-conflict-that-never-should-have-occurred/D8DDEA15DD16FE3BDAEED804429D9249>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VILLAS BOAS, Eduardo Dias da Costa. **Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**: Aplicação dos princípios de guerra. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1989. 60f. Disponível em:

<https://redebie.decex.eb.mil.br/pergamumweb/vinculos/00005a/00005ab2.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

YANAGISAWA, Jun. **Military implications of the Falklands War**: from Japan's point of view. NIDS Military History Studies Review Annual, v. 16, p. 123-142, 2013. Disponível em: www.nids.mod.go.jp/english/event/forum/pdf/2013/10.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

ZAN, Osmário Monteiro. **Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**: Aplicação dos princípios de guerra. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1991. 64f. Disponível em: <https://redebie.decex.eb.mil.br/pergamumweb/vinculos//00003e/00003ec6.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.